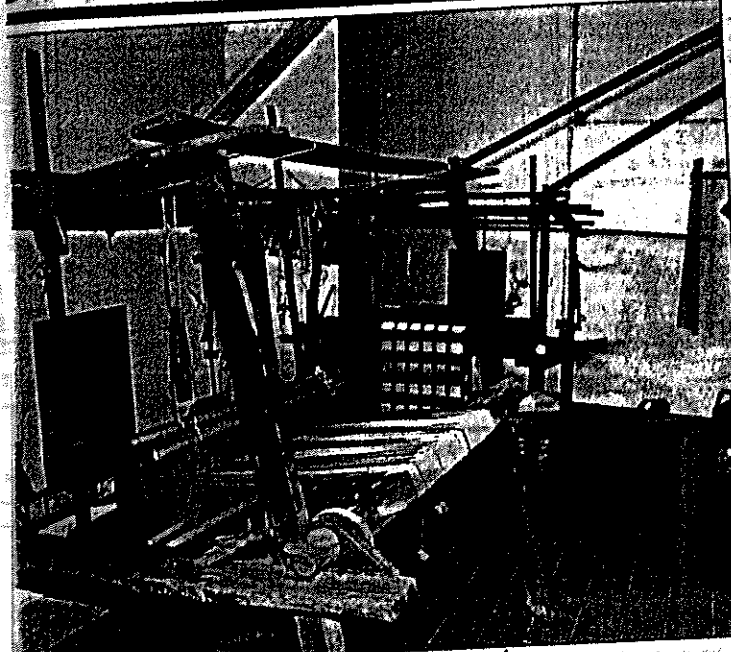


RIO QUE CHEGUE S MANTAS DE MÉRTOLA

**TECELAGEM TRADICIONAL
RENASCE NO BAIXO ALENTEJO**



Uma bela imagem, colhida num recanto de Mértola, uma verdadeira Vila-Museu

cada artesão possa desenvolver a sua actividade nas suas residências, evitará uma excessiva concentração na vila, e o consequente abandono dos montes, contribuindo-se, deste modo, para que seja contido o processo de desertificação que ameaça a região, o que é outra vantagem.

Segundo aquela associação refere num dos seus habituais boletins informativos tem sido preocupação de fundo, em todo o processo, manter o resurgimento da profissão artesanal nos reatros limites que as técnicas tradicionais impõem. E prossegue:

Não se tem procurado criar uma fábrica de têxteis em Mértola. O objectivo é recuperar traços marcantes de uma cultura, garantir a velha qualidade das mantas, toalhas e passadeiras, dignificar o artesão e a sua cultura. Não é entrar no circuito da concorrência, não é transformar o artesão em operário, não é produzir em grande quantidade. O produto deste trabalho tem que ser um representante genuíno de uma cultura; e para o exterior, um produto de qualidade.

Para que estas intenções sejam na verdade concretizadas, todo o trabalho é efectuado como sempre foi: a lã continua a ser fiada à mão, o retalho é manual, e a linha é de "meia", enquanto que os tearas, as cardas, os bancos de fiar, os relinhos, os padrões e as cores são os mesmos de sempre. Numa manta de Mértola não se conhece a época de fabrico, por ser de sempre, e cada uma das que é produzida leva uma etiqueta que garante a sua genuinidade.

A sua venda já está a ser promovida, e é muito possível que, dentro de pouco tempo, apareçam no mercado lisboeta alguns exemplares à venda. Actualmente estão a ser desenvolvidos esforços para que sejam assegurados os necessários circuitos de comercialização, por forma a que seja garantido o escoamento da produção, ao mesmo tempo que são efectuadas exposições em diversos locais do País.

Segundo divulgou a Associação de Defesa do Património de Mértola, está em preparação, ainda, uma nova forma de divulgação da manta tradicional, a qual consiste na edição de um desdobrável, em português, francês e inglês, que explique as diversas fases da preparação da lã, as técnicas de fabrico e os padrões decorativos.

A mania de Mértola, que tem muito em comum com as encontradas em comunidades agropastoris do Norte de África, tanto nos motivos decorativos como nas técnicas de tecelagem (o que pode ser interpretado como um reflexo de uma cultura comum) vai voltar a ser veada nas feiras do Baixo Alentejo.

Com ela renasce a cultura de um povo, preservada geração após geração desde os tempos de antanho, mas que a indústria têxtil quase assassinou. Com ela nasce em Mértola mais um motivo para se arrogar, com orgulho, ao direito a que a consideram uma verdadeira Vila-Museu.

Um tear tradicional, em actividade na Escola-Oficina de Mértola. Nela aprendem as futuras tecedeiras procura pela incompatibilidade da concorrência com as fábricas têxteis na oferta, as artesãs lá trabalham para encomendas e não a tempo inteiro. O ofício de tecedeira passou a actividade secundária. Enquadra-lo a modelá-lo às dimensões modernas sem o vilipendiar, mais do que uma necessidade é um dever.

E é isso que está a acontecer, e com entusiasmo: uma cooperativa formada em Mértola, unicamente destinada à tecelagem, já conta com cerca de meia centena de trabalhadores-cooperantes. O número é tanto mais importante por ser em Mértola a actividade que actualmente possui maior número de trabalhadores, no que se refere aos empregadores do concelho, no sector secundário,

enquanto que a Escola-Oficina de Tecelagem, dependente da Associação de Defesa do Património de Mértola, continua, entretanto, a formar novas tecedeiras. A juventude respondeu afirmativamente à iniciativa, como os iniciadores preconizavam, e na escola continuam a ser mantidos os processos tradicionais de produção: as mantas que hoje se produzem artesanalmente ali, ou na cooperativa, são como eram há centenas de anos, com as mesmas técnicas de tecelagem e idênticos padrões.

Como nasceu a escola de artesãos
Escola-Oficina de Tecelagem

gem Jol criada em Abril de 1986 apenas com duas mestras, ambas tecedeiras residentes no concelho de Mértola. As jovens que se apresentaram como aprendizes da profissão não foram muitas: em dois cursos sucessivos o seu número foi apenas de oito.

Estava, porém, lançada a primeira pedra, e o que veio a seguir encheu de júbilo os iniciadores, os responsáveis pelo Campo Arqueológico de Mértola, nomea-

damente o seu actual grande impulsionador, professor Cláudio Torres.

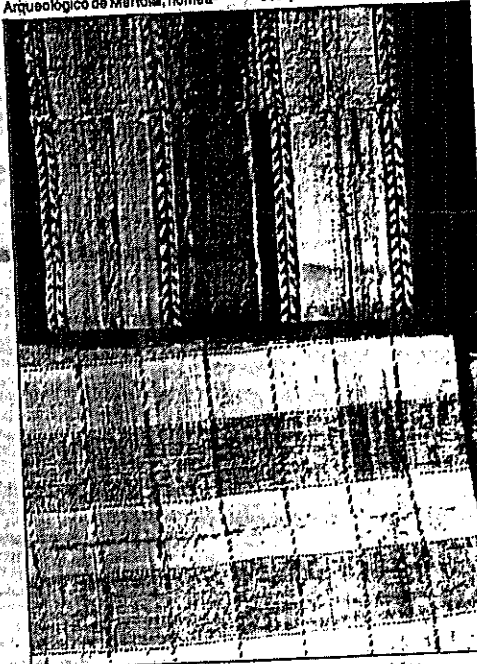
E compreende-se: fora exactamente no intuito de promover a revitalização da tecelagem tradicional no concelho que a equipa de investigadores levava a cabo, nos anos de 1982 e 1983, o levantamento do número de tecedeiras ainda em actividade (o pequeno número que já referimos), e o arrolamento das técnicas de preparação da matéria-prima necessária para a feitura das mantas, dos processos de tecelagem e,

finalmente, dos motivos decorativos mais usuais desde os tempos de antanho.

Como é natural, toda esta entusiástica actividade levou a que de imediato fosse iniciada a produção de mantas, toalhas e passadeiras, destinadas à comercialização, por forma a que servissem, também, de amostra e de material de exposição, com vista à necessária divulgação da iniciativa que, desde a primeira hora, contou com o apoio da Câmara Municipal, por intermédio do vereador, responsável pelo pelouro de Cultura, outro entusiasta da iniciativa, José Manuel Santana.

Tudo este trabalho fôl um gerador de entusiasmos, e em finais de 1987, exactamente no dia 12 de Dezembro, foi constituída a Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola, que actualmente conta com cinquenta trabalhadores-cooperantes, com as mais diversas especialidades, desde cardadores, fiadeiras e tecedeiras. Em curto espaço de tempo a cooperativa transformou-se, como já referimos, no maior empregador, no sector secundário, de toda a região.

O trabalho da nova cooperativa, para que a iniciativa vingasse na forma como estava programada, foi distribuído ao longo do vasto concelho, apenas residindo em Mértola, sete artesãos-cooperantes da meia centena que compõem a cooperativa. Como é natural, este número aumentará na razão directa das tecedeiras que vão acabando os seus cursos na Escola-Oficina de Tecelagem da Associação de Defesa do Património de Mértola.



Dois mantas de retalhos com os seus tradicionais padrões

Respeitar as tradições

Segundo os responsáveis pela Associação de Defesa do Património de Mértola, a distribuição do trabalho por vários locais do concelho, por forma a que

Poucas foram as inscrições de alunos nos primeiros dois anos de actividade da Escola. Mas os promotores da iniciativa não desanimaram

Texto: Inácio de Passos
Fotos: Jorge Godinho